



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

André Camargo Thomé Maya Monteiro
Universidade de Brasília - UnB

Os livros de Tunga

O mercado de livros de arte no Brasil teve crescimento considerável nas últimas quatro décadas. Uma das consequências desse fato é o acirramento da concorrência entre editoras, que, em muitos casos, tem sido o propulsor de uma gradual melhoria da qualidade dos impressos de livros de arte, lato sensu. Nesse sentido, em alguns casos específicos, o livro industrial, de tiragem, promove um diálogo profícuo entre arte, indústria gráfica e indústria editorial.

É nesse cenário que emerge a editora Cosac Naify, que, ao longo dos seus 15 anos de existência, consolidou-se com uma das editoras de livros de arte mais respeitadas do país. Algumas de suas publicações têm sido lançadas como livros de artista. Em alguns casos, como no relançamento do livro de artista Manual da ciência popular, da lavra de Waltercio Caldas [1946 –], restam poucas dúvidas quanto ao status da obra; já em outros, essas fronteiras não são tão claras, e, apesar das similitudes, entre as quais o vigor gráfico, característicos dos livros de artista, são produtos desenvolvidos meramente com o intuito de atender ao consumo cultural. Essa porosidade abre um espaço para a discussão sobre os limites do livro enquanto obra de arte, livro de artista, ou ainda, sobre a localização de um determinado livro em relação ao conjunto da obra de um determinado artista.

Talvez seja nessa zona limítrofe que se encontram os livros realizados pelo artista carioca Antonio José de Barros Carvalho e Mello Mourão [1952 –], mais conhecido pela alcunha de Tunga, junto à editora Cosac Naify. Alguns chamariam de livros de artista; outros de livros comerciais. A Caixa de Livros Tunga (2007), por exemplo, foi concebida, segundo o discurso da editora, pelo próprio artista, e é formada por sete volumes (seis livros e um cartaz), com distintos formatos, unidos por uma caixa imantada. A tiragem de apenas 500 caixas, assinadas por Tunga, não foi comercializada; foi doada a bibliotecas, museus e instituições culturais nacionais e estrangeiras.

Sabe-se de antemão que a influência do mercado sobre a produção artística é cada vez maior, o que, no caso de Tunga, abre um espaço para especularmos até onde esses livros fariam ou não parte do corpus de sua obra. É sobre essa relação, entre livros de artista ou semelhantes, e sua localização no corpus da obra do artista, que a presente comunicação pretende discorrer. Para tanto, pretende-se apresentar alguns apontamentos relacionados ao caso supracitado.